CMP 1.2.2.67
O Estado 1º-IV-1967

LITERATURA BRASILEIRA

A novela semanal

PEDRO FERRAZ DO AMARAL

Em artigo publicado neste Suplemento (edição de 24 de dezembro de 1966) sob o titulo "Clovis Ribeiro, editor pioneiro", dissemos que o relato das atividades editoriais do grupo organizado por êsse ilustre paulista seria materia de outro artigo. Hoje, vamos pagar essa promessa. E o objetivo é contribuir para a historia de uma fase da vida literaria de São Paulo.

Pelas alturas dos anos 20, editava-se em Buenos Aires "La Novela Semanal". Um fascículo por semana, em papel de jornal, no formato de bolso, contendo uma novela completa e paginas complementares de comentario e critica literaria, as quais, em vez de "El Complemento", se chamavam "El Suplemento"... A iniciativa vingou de tal maneira que a revista se transformou em duas: "El Suplemento" se separou, conservando o nome, com um pico de originalidade, e cresceu de formato, passando a competir com "Caras y Caretas" e outras publicações argentinas destinadas ao que se chama "o grande publico". Não sabemos se ainda se editam. O certo é que, ao tempo, constituiram dois grandes êxitos.

Como representante dessas publicações, apareceu um dia, em São Paulo, Benjamin de Garay, argentino de boa massa, que motivos de saude obrigavam a expatriar-se. Em São Paulo, foi Monteiro Lobato seu introdutor e seu arrimo. Tornou-se um traço de ligação entre o mundo artistico paulista e o buenairense: lançou em São Paulo varios escritores e artistas plasticos de sua terra, assim como levou muitos dos nossos á imprensa e ás "editoriais" de Buenos Aires. Entre outros, tornaram-se aqui conhecidos Horacio Quiroga, Manoel Galvez, Arturo Cancela, Salaverri, Benito Lynch, Eduardo Barrios, Capdevilla, Moysés Kantor e tantos outros. Dos nossos, levou á Argentina Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Léo Vaz, Guilherme de Almeida, Paulo Gonçalves, Brenno Ferraz, Paulo Setubal, Ribeiro Couto e muitos outros, cujos nomes nos escapam. Um grande amigo, que prestou relevantes serviços á obra de aproximação dos povos do Continente. Mas infelizmente não teve continuadores: mais do que nunca, ignoramos hoje os nossos irmãos do Prata, como êles nos ignoram totalmente.

Para as bancas de jornais de São Paulo trouxe Garay, então, "La Novela Semanal", cujo conhecimento veio a constituir o ultimo impulso aos planos que Clovis Ribeiro urdia de se atirar a um empreendimento cultural de grande envergadura, de maneira a alcançar o maior numero possivel de leitores: a Sociedade Editora Olegario Ribeiro completou seu programa de trabalho e já em 2 de maio de 1921, passados o Carnaval e a Semana Santa, surgia em São Paulo "A Novela Semanal".

Era um fascículo de 20 páginas, no formato de 23x17 cm, medindo a rama 17 cm de altura, em duas colunas de 7 cm, compostas em corpo 6. O "Suplemento" abrangia as três ou quatro ultimas páginas do fascículo, divididas agora em três colunas de 4 cm, em corpo 6, mas ainda perfeitamente lisiveis, não obstante seja de jornal o papel em que foi todo impresso. Vendia-se ao preço de quatrocentos réis, anunciado na capa pela reprodução da moeda então corrente, um daqueles patacões de niquel cunhados em 1919, no tempo de Wenceslau. Na capa, a ilustração de um dos contos, trabalho executado por Juvenal Prado e muito bem reproduzido em tricromia, sem legenda.

Na segunda página da capa, o manifesto dos editores, divulgando o programa da "Novela Semanal". Ao alto, a menção de que era seu diretor Brenno Ferraz. E também a indispensável advertência: "Publica-se aos sábados". E dado que estas notas não são mais que elementos informativos para a história da vida literária e editorial de São Paulo, cumpre que reproduzamos integralmente o manifesto redigido por Clovis Ribeiro, cujo idealismo aí transparece em todas as linhas:

"Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionais são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoável remuneração dos autores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se difunde entre nós porque é caro e é caro porque não se difunde. Isto sucede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por aí dezenas de milhares e se esgotam edições sôbre edições.

"Esta situação, de tão funestas consequências para o país, sugeriu a iniciativa da criação dêste periódico, que representa um esfôrço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

"Popularizar o livro, torná-lo acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atraente possível pela escrupulosa escôlha da matéria e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar os meios para o difundir em todo o território nacional, de fronteira a fronteira, e entre tôdas as classes sociais, desde as mais cultas ás menos letradas — eis aí, resumindo em poucas palavras, todo o nosso programa.

"Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, "A Novela Semanal" pretende reunir as vantagens desta e daquele: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço ínfimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interêsse efêmero como ela: pelo fundo pela qualidade e pela extensão da matéria — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em belos volumes com os quais se formará uma biblioteca literária realmente preciosa.

"Pretendendo ser lida, muito lida por homens e crianças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledora, procurará nos autores a vida, a ação, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

"Destinando-se a se tornar instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores autores e dos melhores livros nacionais — não se limitará a publicar trabalhos ineditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programa traçado, havendo por aí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa otima a pedir um editor. Assim, "Novela Semanal", se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em coleções de jornais e revistas — preciosidades que representam um opulento tesouro literario quase de todo desconhecido e inaccessivel. Das obras ainda em mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paises, em antologias de grande e pequeno tomo, didaticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do autor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou diretamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo autor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliograficas, uma seleta de pequenas obras excelentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

"Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa colaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escritores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por autores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que tais obras tenham valor e sejam conformes com a feição d' "A Novela", isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

"Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novela nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a eles, embora deles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos as outros generos terão o seu lugar no nosso suplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

"Eis aí ao que vem " A Novela Semanal", que se coloca à disposição do publico, dos autores e dos editores, aos quais deseja servir e dos quais espera receber um acolhimento simpático".

Um programa ambicioso, como se vê, e, guardadas as proporções, ainda quase todo á espera de realização. Excetua-se o que se refere precisamente á implementação da revista, á qual foi, em verdade, em seu primeiro e unico trimestre, uma revista estritamente literária e do mais alto nível. Todavia, deixamos ao leitor as conclusões que possa tirar dêsse excelente retrato da situação do mercado livreiro de há mais de quarenta anos e passemos a folhear rapidamente êste primeiro numero da "A Novela Semanal", tão bem amparada pelo "O Estado de São Paulo", sempre acoroçoador das boas e sadias iniciativas.

A primeira página do texto vem encimada de um desenho de Ruy Martins Ferreira, que fez também outras finas vinhetas a bico de pena, destinadas a encabeçar cada um dos contos que constituem o conteudo da revista — eram sempre cenas e paisagens de outróra. Abaixo da gravura do artista campineiro, o sumário, que vale apena conhecer. O 22 da Marajó — Monteiro Lobato; O filho pródigo (parábola) — Léo Vaz; O touro negro — Aluizio Azevedo; A mata maldita — Baptista Junior; Natal de Frei Guido — Magalhães de Azeredo; Suplemento: A vida anedótica e pitoresca dos grandes escritores: Olavo Bilac — Amadeu Amaral; Curiosidades literárias: Autobiografia de Monteiro Lobato; Os nossos poetas: Adolpho Araujo; Leituras: Negrinha, Coivara, Dialeto Caipira.

Na página 7, bem ao centro, um anuncio: "Monteiro Lobato — A onda verde — Jornalismo — Brochura 3$500, encadernado, 4$500. Pelo Correio mais 500 reis. — Pedidos a Monteiro Lobato & Cia. Rua Boa Vista, 52 — São Paulo".

Na página 15, outro anuncio — "Amadeu Amaral (Da Academia Brasileira) — O Dialeto Caipira — Phonética, Lexicologia, Morphologia, Syntaxe, Vocabulario) Preço 5$000. Pelo Correio, registrado, 5$500 — pedidos á casa Editora "O Livro" — Rua 15 de Novembro, 32 — São Paulo".

E dado que estamos falando de anuncios, voltemos á capa da "Novela Semanal", em que se divulgava o próximo empreendimento editorial da casa — "A Nova Pléiade" — apresentada como "coleção de pequenos livros de versos a se publicar sob a direção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico. Cada volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas côres, em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2$500. Na "Nova Pléiade" sómente serão publicadas obras de verdadeiro valor. Iniciaremos a coleção com o primoroso livro "Manhã" do poeta paulista "Graco Silveira". Digamos de passagem que o anuncio não exagerava: o livrinho saiu um mimo de arte grafica, devido ao gosto de José Rossetti, assim como seu contexto recebeu os maiores elogios da critica. Pena é que Graco Silveira nada mais tenha publicado depois de tão brilhante estréia.

Na terceira pagina de capa, anuncios das edições da Sociedade Editora Olegário Ribeiro e das da "Revista do Brasil", isto é, de Monteiro Lobato & Companhia, enquanto a quarta pagina era ocupada por um anuncio da "A Novela Nacional", que veio a publico logo depois: era edição mensal, em formato de livro, contendo cada qual uma novela inedita de autor contemporaneo — e não foi além de "A Pulseira de Ferro", de Amadeu Amaral, e "Os Negros", de Monteiro Lobato, dois primores de contexto e de fatura grafica, a que deveriam seguir-se a deliciosa novela "Ritinha", de Léo Vaz, e outras de Gustavo Barroso, Coelho Neto, Afranio Peixoto, Waldomiro Silveira e Cornelio Pires.

Mas voltemos á "Novela Semanal". O segundo numero abre-se com um conto de Amadeu Amaral, seguido de outros de Godofredo Rangel, Afranio Peixoto e Oscar Lopes. No "Suplemento", na secção "A vida anedotica e pitoresca dos grandes escritores", Brenno Ferraz conta "de como José Renato Monteiro Lobato passa a chamar-se José Bento Monteiro Lobato"; alguém narra um episodio ocorrido no Peru, no qual se evidencia que, em Euclides da Cunha, "o carater principal era, sem duvida, a altanaria civica"; comenta-se a moderna orientação da novela depois da primeira guerra mundial; e na secção "Os nossos poetas", reproduzem-se sete sonetos atribuidos ao Imperador Dom Pedro II, os quais o comentarista considera sejam do proprio reinante.

E foram quinze excelentes fascículos, plenos de materia digna de leitura, encadernados num só volume, que tanto nos dizem das dificuldades de outrora e do valor dos que souberam vencê-las, quanto das facilidades que hoje se oferecem nesse campo. A proposito, não haverá um editor que adote hoje o magnifico programa cuja execução Clovis Ribeiro apenas pôde tentar?

Amadeu Amaral